

ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO ATRAVÉS DO ARTESANATO EM LÃ PARA O MUNICÍPIO DE SANTANA DO LIVRAMENTO (RS)

Acadêmica: Christianne Teixeira Albuquerque
Orientador: Altacir Bunde

RESUMO: A presente pesquisa tem por objetivo apresentar a importância do artesanato em lã que, organizado de maneira solidária, poderá contribuir para o desenvolvimento sócio-econômico-cultural sustentável do município de Santana do Livramento (RS). O município apresenta uma grande potencialidade na produção de lã e possui uma cooperativa (COOFITEC) para o beneficiamento, além de diversos EES ligados a Casa de Economia Solidária que se utilizam da lã para a confecção de peças artesanais. O artesanato em lã emerge como uma boa alternativa de geração de trabalho e renda. Discorre-se sobre Economia Solidária, Políticas Públicas e o Artesanato em Lã. Finaliza-se a pesquisa identificando a potencialidade do município na produção e comercialização da lã e aponta-se o artesanato em lã organizado solidariamente como uma alternativa para o desenvolvimento. Para atender os objetivos propostos foi realizada uma pesquisa bibliográfica, documental, de campo e entrevistas. A presente pesquisa é uma continuidade do estudo iniciado na pesquisa de Conclusão de Curso desta acadêmica, visando responder a seguinte problemática: Considerando as políticas públicas de incentivo a Economia Solidária, de que forma o artesanato em lã organizado solidariamente, poderá contribuir para um desenvolvimento sócio-econômico-cultural sustentável do município de Santana do Livramento? Com a pesquisa foi constatado que o município de Santana do Livramento apresenta uma grande produção de lã, com comércios (barracas) de lã e a cooperativa para o beneficiamento. Contudo, não existe a preocupação no ato do beneficiamento e agregação de valor e nem de políticas públicas municipais de incentivo a Economia Solidária. Portanto, os dados apresentados corroboram para a necessidade de criação de políticas públicas municipais que fomentem a Economia Solidária e que estimulem o beneficiamento da lã. Aponta-se o artesanato em lã como alternativa para o desenvolvimento sócio-econômico-cultural sustentável do município.

Palavras-Chaves: Economia Solidária. Desenvolvimento sócio-econômico-cultural-sustentável. Artesanato em lã.

ABSTRACT: The present research aims to present the importance of handicrafts in wool, which, organized in a joint manner, may contribute to the sustainable socio-economic-cultural development of the municipality of Santana do Livramento (RS). The municipality has a great potential in the production of wool and has a cooperative (COOFITEC) for the beneficiation, in addition to several EES linked to the House of Solidary Economy that use wool to make handcrafted pieces. The craft in wool emerges as a good alternative of generating work and income. We discuss Solidarity Economy, Public Policies and Wool Crafts. The research is finished identifying the potential of the municipality in the production and commercialization of wool and it points out the handicraft in wool organized jointly as an alternative for the development. To meet the proposed objectives, a bibliographical, documentary, field and interviews research was carried out. The present research is a continuation of the study initiated in the research of the course conclusion of this academic, aiming to answer the following problematic: Considering the public policies of incentive to the Solidary Economy, in what way the jointly organized wool handicraft can contribute to a partner development -economic-cultural context of the municipality of Santana do Livramento? With the research it was verified that the municipality of Santana do Livramento presents a large wool production, with wool trades (tents) and the cooperative for the beneficiation. However, there is no concern in the act of beneficiation and aggregation of value or municipal public policies to encourage Solidarity Economy. Therefore, the data presented corroborate the need for the creation of municipal public policies that foster the Solidarity Economy and stimulate wool processing. It is pointed out the handicraft in wool as an alternative for the sustainable socio-economic-cultural development of the municipality.

Keywords: Solidary Economy. Socio-economic-cultural-sustainable development. Handcrafted in wool.

1. INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho no Brasil, consequência do processo de industrialização e do grande êxodo rural resultou em uma massa de trabalhadores que se deslocaram para cidades grandes gerando um excedente não absorvido pelo mercado de trabalho. A massa de trabalhadores desempregados e na informalidade se agravou ao longo da história.

Com o advento da globalização e das políticas neoliberais a partir dos anos de 1990, o país enfrentou uma de suas maiores crises, resultando no agravamento dos níveis de desemprego e da informatização. De acordo com Guimarães (2011), o desemprego e a pobreza tratam-se dos mais graves problemas econômicos.

Em uma economia competitiva, pode-se dizer que “os ganhadores acumulam vantagens e os perdedores acumulam desvantagens nas competições futuras” (SINGER, 2002, p.8). As vantagens e desvantagens são repassadas para as suas gerações, num ciclo econômico cruel, o que resulta em sociedades cada vez mais desiguais. Com essa perspectiva, surgem alternativas de uma sociedade mais igualitária, em meio a uma grande parte da população que se encontra excluída do mercado de trabalho formal, surge a Economia Solidária, como alternativa de geração de trabalho e renda.

Foi necessária a intervenção do Estado, através de políticas públicas para gerir as relações de trabalho e promover a proteção social aos trabalhadores. De acordo, com Stavie (2009), com a crise do desemprego estrutural e a adoção de políticas públicas de geração de renda e emprego, tornou-se constante no cenário governamental, o incentivo aos pequenos estabelecimentos e trabalhadores autônomos.

Com um histórico de organização e luta de anos no âmbito da Economia Solidária, o município de Santana do Livramento/RS, de acordo com o Censo Demográfico 2010, apresentava uma população de 82.464 habitantes, sendo 39.376 homens, 43.088 mulheres, e destes, tinha-se 8.054 pessoas moradoras no meio rural. Uma população estimada crescente em 2016, de 82.631 habitantes (IBGE, 2016).

O mercado de trabalho, segundo dados do site do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), durante o ano de 2015, compreendendo de janeiro a dezembro, houve, 4.877 admissões e 5.117 desligamentos (demissões); ocorrendo neste ano o aumento do número de desempregados formais. No ano de 2016, persistiu o aumento de desempregados, pois ocorreram 4.186 admissões e 4.533 demissões (MTE, 2017). Portanto, para localidades onde a industrialização por desinteresse logístico das firmas não se instalam, e/ou que ao longo da sua trajetória histórica sofreram com o êxodo da população, como é o caso de Santana do Livramento; o cenário resultante é de desemprego.

O município de Santana do Livramento em meio a este cenário buscou-se alternativas viáveis, surgindo a *Primeira Feira Binacional de Economia Solidária* organizada em 2005. Por isso a feira precisou contar com um espaço para o desenvolvimento destas atividades. Em abril de 2013, a Secretaria de Economia Solidária e Apoio à Micro e Pequena Empresa (SESAMPE) inaugurou a 1ª Casa de Economia Solidária (ECOSOL) do Estado, localizada no município, na Rua Rivadávia Corrêa, nº 60 com o intuito de comercializarem produtos, tais como: roupas, calçados, utensílios de cozinha, produtos da agricultura familiar, doces, artesanato, etc. e oferecerem cursos de qualificação profissional.

Dentre as matérias-primas utilizadas para a confecção do artesanato local destaca-se a lã pela tradicional consolidação da criação de ovinos, cujos dados do IBGE (2014) Santana do Livramento, apresenta desde o ano de 2002 uma produção crescente, atingindo em 2014, 11% do total do Rio Grande do Sul, com 448.635 cabeças de ovinos tosquiados. No ano de 2015, foi 414.175 ovinos tosquiados, o que rendeu 1.570,223 toneladas de lã. Isto coloca o município como o maior produtor do Estado do Rio Grande do Sul.

Com a produção de lã, surgiu o artesanato no município é uma alternativa para promover o desenvolvimento baseado em pilares que conservem o meio-ambiente, pois segundo Dias, Anicet e Steffen (2015), uma fibra cuja matéria-prima é considerada sustentável, pelo fato de ser uma fonte natural, renovável e biodegradável.

Outro ponto a destacar é que o município possui diversos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES), dentre estes, uma Cooperativa de Trabalho dos Profissionais de Fiação e Tecelagem de Santana do Livramento Ltda. (COOFITEC), sendo uma opção local para o beneficiamento da produção, o fornecimento de lã para a confecção de produtos artesanais de outros EES. Segundo Silva (2001) a cooperativa nasceu da necessidade da geração de novos postos de trabalho, para a sobrevivência de um grupo de trabalhadores desempregados do setor “*laneiro*”.

De certa forma “as mercadorias mundializadas, importadas e fabricadas com alta tecnologia contrapõem-se aos artesanatos (feitos de lã e couro) e que tradicionalmente são ofertados na fronteira e apreciados pelos turistas” (MARQUETTO, 2012, p. 211). A localização na fronteira entre Brasil e Uruguai, onde de um lado localiza-se Santana do Livramento (RS) e do outro a Rivera (URU). Essa fusão cultural faz com que cidade brasileira tenha aspectos culturais ricos e diferenciados, pois estão presentes nos artesanatos oriundos dos EES locais.

As iniciativas de EES, como os que desenvolvem o artesanato em lã tradicionalmente apresentavam apenas um caráter cultural, passaram a ter um viés econômico, pois impactam na geração de trabalho, renda, inclusão e justiça social, igualdade e sustentabilidade. Fator e potencializa as vocações das regiões, sendo uma alternativa para o desenvolvimento local (SANTOS, 2007).

Para tanto, dando continuidade ao estudo iniciado por esta discente na graduação de Ciências Econômicas realizada na Universidade Federal do Pampa (Unipampa) consolidou-se através do trabalho de conclusão de curso defendido em 2016, e em busca de concretizar a pesquisa e expandi-la, utilizando-se de uma pesquisa teórica, documental e de campo buscou-se responder a seguinte problemática: Considerando as políticas públicas de incentivo a Economia Solidária, de que forma o artesanato em lã organizado solidariamente, poderá contribuir para um desenvolvimento sócio-econômico-cultural sustentável do município de Santana do Livramento?

O presente estudo tem por justificativa identificar a grande potencialidade do município, a sua produção de lã. No que se refere ao beneficiamento e à comercialização da fibra, conta com uma cooperativa de lã, a COOFITEC. Como no município há diversos EES ligados a Casa de Economia de Solidária que se utilizam da lã para a confecção de peças artesanais, o artesanato, surge como uma boa alternativa de geração de trabalho e renda.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Economia Solidária: Conceito e Discussão

Corragio (2002), explica que as teorias neoliberais estão a serviço do conservadorismo e dos monopólios, validando o princípio do mercado total; onde cada indivíduo procura de maneira egoísta o que é melhor para si competindo com todos os demais. O resultado gera empobrecimento, concentração de riqueza, a exclusão, crise, desespero e guerra. Uma alternativa a essa ideologia, para segundo o autor, pode ser provida por outra economia, centrada na reprodução do trabalho e não apenas na acumulação de capital.

Para Christofolletti (2002), um modelo neoliberal é central o mercado capitalista, sendo Estado e Sociedade norteados pelo interesse do lucro acima de tudo, com a produção e acumulação de riquezas, o que resulta num cenário de desigualdades sociais, miséria e exclusão. Assim, é preciso ir além e buscar alternativas possíveis para melhorar as condições de vida da população, portanto, acreditando-se em um movimento em busca de alternativas e por condições mais dignas que emergiu a Economia Solidária.

A Economia Solidária foi pesquisada com diferenças terminológicas, sendo que cada autor toma para si uma dessas terminologias, sendo também pensada mundialmente por diferentes autores. Destaca-se na França Jean-Louis Laville; no Brasil, Paul Singer, Gabriela Cavalcanti Cunha, Euclides André Mance, entre outros.

Contudo na América Latina, a discussão sobre a Economia Solidária para a maioria dos estudiosos esta relacionada a um contexto de crise econômica e exclusão social, relacionadas a problemas sociais como desemprego, precarização, e marginalidade. O conceito de Economia Solidária, também não é consenso entre os diferentes estudiosos que tratam o tema, em países europeus é chamada de economia social (CUNHA, 2003).

Para Laville (2004), o uso do conceito Economia Solidária, pode levar a uma errônea interpretação, remetendo a ações caritativas, e ser pensada como uma substituição da ação pública pela caridade. Diferentemente de Laville, que não pensa a Economia Solidária como uma forma de superação ao capitalismo, Singer (2002), afirma que, se toda economia fosse solidária, a sociedade seria menos desigual e, cooperando-se entre si, se teria um modo de produção que iria a oposição ao capitalismo, que só produz desigualdades.

Segundo Schiochet (2012, p. 24) o conceito de Economia Solidária é “utilizado para definir as atividades econômicas organizadas coletivamente pelos trabalhadores que se associam e praticam a autogestão”. Para Kapron (2002), a Economia Solidária é uma prática e não tão somente uma teoria, pois é parte da luta dos trabalhadores pela sua sobrevivência, devido à insuficiência do mercado garantir uma produção e uma distribuição. Sendo que o desenvolvimento a partir da ótica capitalista tem duas faces “[...] de um lado a concentração, de outro, a exclusão” (KAPRON, 2002, p. 48).

A Economia Solidária seria a instituição de “[...] associações entre iguais em vez do contrato entre desiguais” visto que “a solidariedade na economia só pode realizar-se sendo organizada igualmente pelos que se associam para produzir, comerciar, consumir ou poupar” (SINGER, 2002, p. 9).

No Brasil, a Economia Solidária, emergiu como uma resposta dos operários à crise vivenciada desde a década de 1980 (CUNHA, 2003). Essa conjuntura contribui para o entendimento de compreender a renda da produção também como um bem público, sendo assim necessário distribuí-lo e apropriá-lo solidariamente; e não se trata apenas de solidariedade na produção, necessita-se de uma organização e articulação com os demais setores sociais (KAPRON, 2002).

A Economia Solidária “[...] lança os alicerces de novas formas de organização da produção, à base de uma lógica oposta àquela que rege o mercado capitalista, [...] permitirá [...] dar a muitos [...] a oportunidade de se reintegrar à produção por conta própria individual ou coletiva” (SINGER, 1999, p.138). Portanto, a nova essência é composta por “relações de produção que trazem a inovação de estarem centradas na valorização do trabalho e do trabalhador e não do capital” (KAPRON, 2002, p. 49). E neste contexto, estão presentes na Economia Solidária conceitos como autogestão, coletividade, solidariedade, planejamento, cooperação, democracia, participação (CHRISTOFOLETTI, 2002).

As empresas capitalistas em resposta a queda em produção e consumo, reagem entre outros fatores demitindo, enquanto que as atividades de Economia Solidária, como as cooperativas, formam redes, se fortalecem e partilham prejuízos e lucros (SINGER, 2014). Sendo, que as cooperativas contribuem para a geração de trabalho, renda, inclusão e justiça

social, igualdade, sustentabilidade e potencialização das vocações das regiões, fomentando o desenvolvimento local (SANTOS 2007).

Portanto, em decorrência da necessidade de mudanças estruturais no cenário socioeconômico da sociedade, apresenta-se o município de Santana do Livramento, pensado através de políticas públicas de Economia Solidária, e do incentivo ao artesanato em lã como um novo viés para o desenvolvimento sócio-econômico-cultural sustentável do município.

2.2. Políticas públicas de Economia Solidária e de Incentivo ao Artesanato

A Economia Solidária tornou-se um tema de recorrentes estudos e na pauta do poder público, visto apresentar-se como uma das possibilidades para o desemprego. O desemprego é atualmente, “parte integrante da estrutura da sociedade capitalista, mas o trabalho não deixou de ser um importante elemento da coesão social” (PINTAUDI, 2002, p. 11). Por tanto, o público-alvo das políticas públicas de Economia Solidária, são trabalhadores que se encontram fora do mercado de trabalho e/ou sem nenhuma possibilidade de retorná-lo (CHRISTOFOLETTI, 2002).

No Brasil, com o agravamento das taxas de desemprego na década de 1980, dá-se início a uma série de atividades relacionadas à economia popular e solidária no país, fruto de diversos movimentos sociais e organizações de trabalhadores (STAVIE, 2009). A Economia Solidária passou a ser pensada como uma alternativa para a organização do mercado de trabalho, e o enfrentamento do desemprego e da pobreza.

Para Praxedes (2009), a Economia Solidária é uma política de desenvolvimento voltada para um setor excluído socialmente, portanto necessita-se não apenas de ações setoriais, mas também atuações articuladas de várias áreas do governo e do Estado, sendo necessária sua presença em ações de planejamento, execução e avaliação. O autor ainda ressalta que as políticas públicas no segmento da Economia Solidária são recentes, e que os pequenos avanços até o momento não a colocam na centralidade das Políticas Públicas do Brasil. Para a construção destas políticas serão necessários fundos públicos que a financiem, fato que a Economia Solidária ainda não conseguiu constituir.

No Brasil, as atividades de Economia Solidária tomaram notoriedade a partir da criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), no âmbito do Ministério do Trabalho e Emprego, através do Decreto 5.063, de 08 de maio de 2004, no Governo do então presidente Luis Inácio Lula da Silva. Segundo Singer (2009), na ocasião da eleição de Lula, em 2002, a Economia Solidária estava em seu programa, vindo de encontro à atuação dos Estados do Rio Grande do Sul e de São Paulo que já desenvolviam programas de fomento à Economia Solidária.

Durante a perspectiva de aprovação e reconhecimento da Economia Solidária, o movimento mobilizou, em 2003, o acontecimento da 3ª Plenária Brasileira de Economia Solidária constituída por 800 delegados de todo o país, dando origem ao Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) e a Rede de Gestores Públicos de Economia Solidária. E o Brasil com a recente expansão da Economia Solidária para países dos seis continentes, deu origem a Rede Intercontinental de Promoção da Economia Social e Solidária (RIPESS) (SINGER, 2014).

Para Singer (2009) a fundação da SENAES desde sua concepção já gerou parceria com 22 ministérios em programas de resgate social, forneceu cursos de Economia Solidária aos servidores municipais e estaduais. Destaque para o mapeamento de atividades solidárias em todo o território nacional, que mobilizou pesquisadores e universidades e resultou no Sistema Nacional de Informação em Economia Solidária (SIES).

Em 2007, foi lançado “*Atlas de Economia Solidária*” que revelou inicialmente a totalidade de 22 mil empreendimentos de Economia Solidária, com 1,7 milhões de associados, movimentando anualmente cerca de R\$ 6 bilhões. Estes dados permitiram constatar a importância da Economia Solidária, bem como contribuiu para a sua divulgação em outros países (SINGER, 2009).

Outra política importante é o Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares (Proninc) que surgiu em 1998, originária de uma experiência da primeira Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP). E em 2003, devido ao cenário propício de incentivo a Economia Solidária a Proninc foi ampliada, e nota-se com este fato um grande aumento de dissertações de mestrado e teses de doutorado cujo objeto de pesquisa é a Economia Solidária (SINGER, 2009).

Praxedes (2009) descreve que as atividades descritas como de Economia Solidária trazem a ideia de coletividade originando as associações e cooperativas, contudo estas são caracterizadas como práticas diferentes do assalariamento formal. As atividades solidárias, por vezes, são consideradas como práticas informais, pois o trabalho informal é visto como positivo, e assim cabe ao Estado programar políticas públicas direcionadas a este segmento.

Pela incapacidade de prover empregos, devido a sua dimensão estrutural, o Estado passa ser responsável em conceber políticas públicas visando mitigar a amargura dos trabalhadores desempregados e na informalidade, devendo, portanto abranger as atividades de Economia Solidária (PRAXEDES, 2009).

Após 13 (treze) anos à frente a SENAES, no ano de 2016, o admirado economista Paul Singer foi demitido, este que é referência e um dos principais defensores da Economia Solidária, não resistiu aos arranjos políticos e o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, e foi substituído por Natalino Oldakoski. No governo de Michel Temer observa-se há uma desarticulação da Economia Solidária com a saída de Paul Singer.

Referente às políticas públicas municipais, em 2006, foi instituído o Plano Diretor Participativo no município de Santana do Livramento, com a finalidade de ser instrumento para o planejamento. O Plano Diretor Participativo definia, dentre outros pontos as políticas públicas para o Município. Destacando, que “é objetivo da Política Pública do Município ordenar o desenvolvimento das funções sociais da propriedade e o uso socialmente justo e ecologicamente equilibrado de seu território, de forma a assegurar o bem-estar de seus habitantes” (BRASIL, 2006, p. 4). Contudo, dentre as diretrizes estimadas não se identifica ações e nem políticas públicas de fomento a Economia Solidária. Neste contexto, a seguir veremos dentro da Economia Solidária o segmento do artesanato.

Em 21 de março de 1991, passou a vigorar o Decreto que instituiu o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB), contudo, em 31 de maio de 1995, este foi revogado passando a vigorar o Decreto Nº 1.508, com a finalidade de coordenar e desenvolver atividades de valorização do artesão. Com base neste, o PAB passou a subordinar-se ao Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo, sucedido, posterior, pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (BRASIL, 1995).

O Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, através da Secretaria do de Comércio e Serviços, no uso de suas atribuições tornou pública a base conceitual do artesanato brasileiro, através da Portaria nº 29, de 05 de outubro de 2010. De acordo com a Portaria nº 29:

Artesanato compreende toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural, podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios (BRASIL, 2010, p. 3).

E o indivíduo que confecciona o artesanato é o artesão, sendo que este,

É o trabalhador que de forma individual exerce um ofício manual, transformando a matéria-prima bruta ou manufaturada em produto acabado. Tem o domínio técnico sobre materiais, ferramentas e processos de produção artesanal na sua especialidade, criando ou produzindo trabalhos que tenham dimensão cultural, utilizando técnica predominantemente manual, podendo contar com o auxílio de equipamentos, desde que não sejam automáticos ou duplicadores de peças (BRASIL, 2010, p.2).

A profissão de artesão por meio da Lei Federal nº 13.180, de 22 de outubro de 2015, torna-se objeto de política pública no âmbito da União na qual consta a destinação de linha de crédito especial para o fomento das atividades do artesanato (BRASIL, 2015).

No Brasil, entre os ramos das atividades cooperativas mais comuns encontra-se o artesanato; seguido da confecção, reciclagem, alimentação, serviços gerais – atividades pouco complexas e que não demandam maiores recursos técnicos e financeiros (PINTO, 2004).

O Brasil, segundo o Ministério do Turismo (2016) cerca de 10 milhões de artesãos, visto que se trata da arte e a cultura de um povo refletida em diversos produtos, passando-se de geração para geração.

No Rio Grande do Sul existe a Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social (FGTAS), que é um órgão da Secretaria do Trabalho, Cidadania e Assistência Social do Estado do Rio Grande do Sul, e que coordena e desenvolve o Programa Gaúcho do Artesanato (PGA). E sobre o PGA, destaca-se que este tem por objetivo incentivar a produção e a comercialização dos produtos artesanais, cuja sede encontra-se localizada na Casa do Artesão, na cidade de Porto Alegre/RS.

Com base nos dados dos relatórios elaborados pela FGTAS e pelo PGA, no Rio Grande do Sul, de janeiro a setembro de 2015, tem-se um cadastro com aproximadamente 84.175 artesãos, e destes encontram-se 46.198 artesãos ativos, que giraram R\$ 34.816.644,01 em notas fiscais. Em um perfil breve sobre os artesãos cadastrados, se destaca que 7.902 possuem renda mensal de três a cinco salários mínimos, 12.187 com idade entre 51 e 60 anos e 37.257 são do sexo feminino (FGTAS, 2015).

Dentre as matérias-primas mais utilizadas para o artesanato tem-se a lã, que desde a antiguidade, era utilizada para a confecção de peças de tapeçaria e outros ornamentos, e com a Revolução Industrial o processamento passou a ser em maior escala, tornando-se um importante produto de exportação para diversos países; contudo na década de 1980, com o surgimento das fibras sintéticas, derivadas do petróleo, passou por um período de desvalorização.

O uso artesanal da lã descende de milhares de anos, inicialmente para fins de proteção as condições climáticas, sob a forma de tecidos, vestimentas, cobertores, ou tapetes. E observa-se atualmente, uma retomada da utilização da lã, motivada pela necessidade de encontrar-se com o passado, permitindo o resgate a técnicas do passado, utilizando-se de criatividade, e agregação de valor, devido à exclusividade das peças (BERNHARD, 2013).

Dentre as fibras têxteis utilizadas no mundo, a lã representa apenas 2% do total, dando-se prioridade para fibras sintéticas e o algodão, contudo a sua utilização mostra-se como nicho de mercado, onde as pessoas a adquirem por estarem dispostas a pagar mais caro, por tratar-se de uma matéria-prima diferenciada e sustentável (BERNHARD, 2013). Pois mesmo o artesanato sendo produzido em quantidades maiores, não deve perder suas características de exclusividade, pois se constitui de uma peça única feita a mão, que tem o estilo do ator, prevalecendo um padrão da localidade na qual foi produzido (HORODYSKI; RUSCHMANN, 2007).

O Rio Grande do Sul o produtor de aproximadamente 90% da produção da lã do país, e por tratar-se da mais versátil fibra entre as naturais, característica esta que permite inúmeros usos e fins, dentre estes a utilização na confecção de peças artesanais. Destaca-se que a lã apresenta características distintas dependendo da raça do animal, variando assim as possibilidades de uso, seja para utilização industrial ou artesanal, podendo ser um adicional de valorização e agregação de renda no caso de uma atividade dirigida, tem países que estão se especializando em um segmento de lãs com maior valor agregado, como as lãs superfinais ou lãs grossas (BERNHARD, 2013).

Ressalta-se que a lã possui inúmeras características dentre as quais se destacam: ser isolante e reguladora da umidade, absorver umidade, resistente, forte, flexível, elástica, de fácil cuidado, sustentável, pois é obtida sem causar prejuízo ao animal, antialérgica, terapêutica, e pode ser usada na sua forma bruta, lavada, cardada e fiada. (BERNHARD, 2013).

3. METODOLOGIA

Partindo do contexto da Economia Solidária, a importância do artesanato em lã para um desenvolvimento sócio-econômico-cultural sustentável no município de Santana do Livramento, o desenvolvimento deste estudo se delineou da seguinte forma: 1º) pesquisa teórica com revisão bibliográfica; 2º) pesquisa documental com levantamento de dados; e 3º) pesquisa de campo voltada para a busca de informações através da realização de entrevistas com sujeitos sociais envolvidos no tema.

A primeira e a segunda etapa basearam-se na pesquisa teórica e documental, foram realizadas com base na revisão bibliográfica desenvolvida a partir de material já elaborado no Trabalho de Conclusão de Curso desta acadêmica. Além da realização de leituras de livros, teses, dissertações, artigos científicos, anais de eventos científicos, páginas de sites governamentais, etc.; que abordam os conceitos de Economia Solidária, Políticas Públicas de Economia Solidária, Artesanato, entre outros. Investigaram-se ainda documentos extraídos de site de instituições de pesquisas (IBGE), órgãos públicos (EMATER, Ministério do Turismo) e reportagem do programa *Campo e Lavoura*.

Quanto à pesquisa de campo, e necessitando clarificar a ausência de algumas informações, a coleta de dados na pesquisa de campo constitui-se por 2 (duas) entrevistas semi-estruturadas, com um roteiro, a atores potenciais sobre o tema, agendadas e realizadas pessoalmente, no dia 4 de março de 2017. As entrevistas foram gravadas após a autorização pelos sujeitos envolvidos. As informações foram fornecidas pela senhora Vera Tâmara, proprietária da Barraca Fronteira (Entrevista nº 01) e o senhor Sergio Romildo Santos, presidente da Barraca Branca lã (Entrevista nº 02). A análise dos dados obtidos na pesquisa foi interpretada através da verificação por meio de análise de conteúdo interpretativa.

Com as entrevistas coletaram-se informações importantes sobre o comportamento da cadeia de lã no município de Santana do Livramento (RS) que não se apresentam expostas em documentos ou trabalhos científicos, visto tratarem-se de dados que apenas os atores envolvidos diretamente no processo detêm.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Para entender a importância do artesanato em lã para o desenvolvimento sócio-econômico-cultural sustentável do município de Santana do Livramento é necessário realizar o mapeamento da cadeia produtiva da lã. Neste estudo identificamos alguns dos principais

atores dessa cadeia, demonstrando a importância da fibra para o município, e seu potencial como matéria-prima para o fomento de atividades solidárias, como o artesanato. O comércio dessa fibra no município de Santana do Livramento inicialmente deu-se nas barracas. Posteriormente surgiu o lanifício Thomaz Albornoz, que deu origem a COOFITEC.

Dentre os subprodutos da ovinocultura, tem-se a produção da carne e a obtenção da lã. No início do século XX, segundo Calvete e Villwock (2007), a fibra era pouca expressiva e desorganizada, sendo que a carne era para o consumo nas próprias estâncias e a lã utilizada para a confecção de artigos da lida campeira como pelegos, arreios, cama e cobertor.

Segundo Viana (2008), na pauta mundial o maior quantitativo de rebanhos estão distribuídos pelos países pertencentes à Ásia, África e Oceania. A respeito da produção de lã, Calvete e Villwock (2007), ressaltam que o Brasil produz 1% da produção mundial, sendo que o Rio Grande do Sul é o produtor de 90% da lã nacional, visto que, estados como Bahia, São Paulo e Minas Gerais produzem ovinos “deslanados”. Ao se fazer uma análise a partir de um contexto histórico, a lã atingia valores (preços) altos, contudo, começou a perder espaço para as fibras derivadas do petróleo, resultando em uma forte queda nos preços internacionais, sendo esta a principal responsável pela redução do preço internacional da lã e, consequentemente, do rebanho ovino no mundo e no Brasil.

Atualmente este mercado está mostrando pequenos sinais de recuperação e valorização, incorporando novas características, baseando-se na qualidade e se preocupando com questões como a sustentabilidade e o cuidado com o bem-estar do animal (BERNHARD, 2013).

Neste contexto, o município de Santana do Livramento, segundo dados do IBGE é o maior produtor de lã do Estado do Rio Grande do Sul e, em 2015, foram 414.175 ovinos tosquiados o que rendeu 1.570,223 toneladas de lã. O número de ovinos tosquiados em Santana do Livramento apresentou queda até os anos de 2002 em função da crise que atingiu o setor. Contudo, a partir de 2004 tem-se mostrado certa estabilidade, inclusive com um pequeno crescimento. Para se ter uma ideia da importância da lã para a economia de Santana do Livramento, no município é produzida 14,41% do total da lã produzida no estado do Rio Grande do Sul (IBGE, 2015).

No final dos anos 1970 e durante a década de 1980, se chegou ao auge da produção de lã no município. Mas, na década de 1990, a produção começou a cair chegando a uma queda de 1.372.077 quilogramas entre 1989 e 1999. Ou seja, houve uma queda na produção na ordem de 50,41%. Mas, a partir do começo dos anos 2000 a produção se mostrou estável, inclusive com pequeno crescimento a partir de 2012 (IBGE, 2015).

De acordo com os dados do IBGE é comprovado que a criação de ovinos e a produção de lã movimentaram e ainda movimentam a economia do município de Santana do Livramento. Ao analisar seu histórico percebe-se que a cultura da produção de lã no município teve momentos de auge e declínio.

Quadro 01 – Barracas de Comercialização de lã de Santana do Livramento/RS

BARRACAS	ENDEREÇO
Barraca Fronteira / Barraca Tâmara	Rua Saldanha da Gama, nº 809 – Bairro Prado
Barraca Branca Lã	Rua Olavo Motta, nº 157 – Bairro Prado
Barraca Santana Coml Imp Exp Ltda	Rua Dos Andradas, nº 2068 – Bairro Centro
Barraca Austrália	Rua Alm Saldanha da Gama, nº 2430 – Bairro Prado
Barraca Ideal Comércio de Lãs e Tops	Rua Prefeito Sérgio Fuentes, nº 446 – Bairro Prado
Barraca Couros Peles e Lãs	Rua Dr PioSalgado, nº 819 – Prado

Fonte: ALBUQUERQUE, C. 2017

No que se refere à comercialização da lã *in natura*, segundo Silva (2001), de acordo com registros cadastrais da Prefeitura de Santana do Livramento, em 1998, constatava-se a existência de 12 (doze) barracas de comercialização na cidade. Atualmente, existem, 6 (seis) barracas de comercialização de lã *in natura* em Santana do Livramento que adquirem a lã produzida por produtores locais. Nota-se que em 18 anos, reduziu-se pela metade o número de barracas no município. No Quadro 01, de acordo com a pesquisa relacionam-se as 6 (seis) barracas existentes, atualmente, no município de Santana do Livramento.

A cadeia produtiva da lã no município de Santana do Livramento tem seu início com os produtores rurais que esquilam as ovelhas em suas propriedades; posteriormente se dirigem as barracas que realizam a pesagem da lã na própria estância ou o produtor leva para pesar na barraca. Toda essa comercialização é acompanhada pelo vendedor e pelo comprador. Destaca-se nesse aspecto uma mudança na cultura da venda do produtor para a barraca, pois, antigamente, a comercialização ocorria através da classificação da fibra e, atualmente, o produto é vendido nas barracas, sem passar pelo processo de beneficiamento, portanto e vendida bruta, *in natura* (ALBUQUERQUE, 2016).

Os proprietários das barracas atuam no município como intermediários, pois adquirem a lã dos produtores e as exportam para o país vizinho, Uruguai. Atualmente, cerca de 80% da lã produzida no município é exportada para este país. Apenas uma pequena quantidade é destinada a indústria nacional. Em muitos casos os proprietários das barracas buscam recursos antecipados e/ou são financiados por cooperativas e empresas uruguaias para realizar a intermediação da compra da lã *in natura*. Já as empresas uruguaias beneficiam a lã e exportam para o mundo, especialmente para Europa (ALBUQUERQUE, 2016).

Neste contexto, segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2016), especificamente da Balança Comercial do município de Santana do Livramento, no que se refere ao destino da lã, mesmo com períodos de decréscimo na produção, este é o principal produto exportado pelo município. Para se ter uma ideia, no período de janeiro a agosto de 2016, a lã não cardada nem penteada, correspondeu a 52,46% da exportação local, o equivalente a 1.998,243 toneladas.

No que se refere aos principais entraves a cadeia da lã no município, tem-se: a falta de mão de obra, o roubo de animais, e a presença dos javalis. Contudo os javalis são um grave problema, pois estes animais matam as ovelhas, fato que tem feito com que vários produtores rurais reduzam o seu rebanho ou abandonem a ovinocultura. Bem como, senão houver um combate efetivo ao javali com iniciativas por parte do governo prosseguirá a diminuição dos rebanhos (ALBUQUERQUE, 2016).

Através da comercialização da lã, esta não se tornou impactante no processo da ovinocultura, pois culturalmente os produtores já estão acostumados a comercializar com as barracas. E o comércio da fibra é mais efetivo em nossa região, mesmo sendo considerado um subproduto da ovelha, e ainda se salienta as ovelhas tem grande importância para os campos da região, visto que evita o aparecimento de plantas invasoras (ALBUQUERQUE, 2016).

Em uma entrevista realizada na Barraca Fronteira, com a proprietária Vera Tâmara, a mesma relata que após a morte de seu marido Miguel, ela assumiu junto com seu filho Miguel Ângelo a administração do empreendimento. A Barraca Fronteira, já possui 25 anos de existência, e este ano de 2017, já comprou 70 mil quilos de lã. Segundo a proprietária é uma firma que trabalha de maneira correta, e que mesmo com a crise tem uma gama grande de clientes.

Os clientes da barraca são produtores de ovinos que mantêm contatos com a empresa. Os contatos normalmente são feitos antes do início da safra da lã, que principia no mês de dezembro (período de esquila) e termina em meados de março. Pode-se dizer que seriam aproximadamente quatro meses de safra da lã no município. Cabe ressaltar que esta barraca compra toda a pele (couro, cabelo, pelego e lã). Os clientes, quando pequenos trazem até

a barraca a lã. Quando a comercialização é em maior volume, a barraca possui caminhões que vão até a propriedade dos ovinocultores e recolhem a fibra.

Na pesquisa de campo, foi constatado que a Barraca Fronteira atua como intermediária da Barraca Branca Lã de maior porte e que inclusive atua na exportação da lã *in natura*. Ressalta-se que foi constatado um elo de confiança nessa negociação, por vezes o produtor acompanha a pesagem e em outras deixa para a intermediária o fazer e apenas lhe repassar, posteriormente o valor da venda.

Nessa relação entre as duas barracas, o valor da lã comprada pela intermediária é definido pela “Barraca Branca Lã”, que faz a exportação da lã, diferenciando-se de acordo com a classificação da lã corredale, ideal e a merina. Sendo que a lã é comercializada suja e por quilo, e atualmente, o valor aproximado da corredale seria R\$ 7,00; da ideal R\$ 9,00 e a merina que é a mais fina R\$ 11,00. Cabe destaca que existe nessa relação uma disputa entre produtores que buscam sempre um melhor valor para o seu produto e os intermediários que sempre buscam maiores lucros.

A Barraca Fronteira comercializa no período de safra em torno de 70 a 80 mil quilos de lãs. A proprietária Vera nos relata que “O meu negócio é só intermediar, eu tenho meus fregueses, eu compro dos meus fregueses, mas o pagamento é ele que faz. Eu ganho por quilo que eu comprar, eu tenho uma comissão por quilo, independente do valor”.

Perguntada se a Barraca Fronteira realizava a venda de lã para os artesãos locais, a mesma informou que na época de inverno, a mesma vende a lã preta para a confecção dos “*xergãos*”. Sendo que os artesãos se dirigem a barraca, compram a lã preta e, posteriormente, encaminham para a COOFITEC para a lavagem. A barraca compra a lã por aproximadamente R\$ 3,00, e esta é revendida para os artesãos por aproximadamente R\$ 5,00 a R\$ 6,00. Os artesãos adquirem em torno de 10 a 50 quilos, sendo que cada “*xergão*” leva em torno de 3 quilos de lã.

Finalizando a entrevista com a proprietária da Barraca Fronteira, questionada sobre as dificuldades encontradas na comercialização da lã, a senhora Vera destacou o preço, pois há alguns anos a lã “corredale” era comercializada a R\$ 14,00 o quilo e, agora, encontra-se em R\$ 7,00. O preço que oscila de acordo com o dólar, no momento de abertura da safra o preço oscila diariamente. Ressalta-se que “apesar das dificuldades que a gente encontra, e apesar de tu ter que, como é que vou te dizer que cativar esse produtor pra que ele te venda, é um negócio bom, eu gosto de trabalhar com isso, eu não me vejo trabalhando em outra coisa, até se eu saio daqui não sei que fazer” (Entrevista nº 01). A entrevistada destaca, também que “é muito saudável essa convivência com esses produtores, eu sou amiga deles e eles são meus amigos” (Entrevista nº 01).

De posse das informações coletadas através da entrevista com a senhora Vera, visando melhor elucidar a cadeia da lã, achou-se necessário entrevistar o responsável da Barraca de Lã Branca Lã. A entrevista na Barraca Branca Lã, foi realizada com o presidente, o senhor Sergio Romildo Santos. A Barraca Branca Lã possui 9 (nove) funcionários dentre os quais se inclui familiares. A Barraca realiza a compra da lã de duas formas: diretamente dos produtores rurais, buscando na propriedade ou em alguns casos estes trazem até a barraca; ou de outras barracas, como a Barraca Fronteira, do município de Santana do Livramento (RS). Além disso, o mesmo adquire lã de barracas de outras cidades, como Alegrete (RS) e Quaraí (RS).

A lã é comprada de duas formas: pela classificação e por quilo. O pagamento é feito em espécie ou através de depósito bancário. Ressalta que parte da lã adquirida é exportada em dólar e outra parte, menor, é comercializada no mercado interno, para empresas de confecção e outras empresas que beneficiam o produto e exportam. Parte da lã *in natura* vendida no mercado interno é beneficiada pela COOFITEC. Segundo o entrevistado, a barraca

comercializa anualmente cerca de 1 milhão de quilos de lã *in natura*. A lã na região sofre forte influência do dólar.

Dentre os principais compradores estão às empresas uruguaias Trindades, Anglo, Top Freevale. No momento da exportação a empresa que exporta é que é responsável pelo custo de transporte. No mercado interno destacam-se a Cootegal, e a Paramon. O pagamento, em alguns casos é feito por adiantamento, em outros casos após a entrega do produto. Já os produtores de lã, alguns vendem a prazo outros a vista. A Barraca Branca Lã vende lã em pequenas quantidades para alguns artesãos locais.

Dentre as principais dificuldades apontadas pelo senhor Sergio, esta a dificuldade na compra da lã devido à oscilação de preço o que pode, em alguns casos acarretar prejuízos. Segundo ele “A lã tem muitos altos e baixos. Ano passado não queriam lã fina queriam lã grossa, e esse ano não querem lã grossa querem lã fina” (Entrevista nº 02). O entrevistado diz ainda que “uma lã que ano passado valeu R\$ 13,00, da “corredale”, esse ano vale R\$ 8,00, ai desanima o produtor”. Para o criador de ovelha, segundo o entrevistado, a lã é considerada um subproduto, o forte é a carne.

No entanto cabe destacara que, conforme Arruda *et al.* (2013), a lã estimula atividades outrora inexistentes, pois incentiva a confecção e a comercialização de peças artesanais a base de lã. Além disso, a lã é uma atividade importante para a geração de renda, emprego e melhoria da qualidade de vida da localidade. Embora a cadeia produtiva da lã em Santana do Livramento não esteja organizada, o artesanato de lã poderia ser um importante instrumento de desenvolvimento sócio-econômico-cultural-sustentável, como veremos a seguir.

Soma-se a isso a existência no município de diversos EES, entre eles a COOFITEC. A cooperativa se originou da falência de um dos maiores lanifícios do Rio Grande Sul. Segundo Silva (2001) nasceu da necessidade da geração de novos postos de trabalho, para a sobrevivência de um grupo de trabalhadores desempregados do setor “laneiro”. O auge da cadeia de lã no município da Santana do Livramento, segundo a Revista Ilustrada, ocorreu com a instalação do Lanifício do Rio Grande do Sul - Thomaz Albornoz S.A. no ano de 1908, que resultou na geração de muitos empregos diretos e indiretos. Em 1962, o lanifício atingiu a fase industrial com a inauguração da fábrica de *tops*, proporcionando 380 empregos diretos. No ano de 1970, o lanifício beneficiava em média 4,5 milhões de quilos de lã bruta por ano, mais ou menos o equivalente a 15% da produção nacional.

Contudo, a crise mundial que atingiu o setor laneiro chegou ao lanifício Thomaz Albornoz e, em abril de 1996, resultou no seu fechamento. Para Nocchi (2001), a crise no setor afetou as exportações, e as cooperativas responsáveis pela cadeia de processamento da lã foram desaparecendo. Tal acontecimento resultou em 196 desempregados do lanifício Thomaz Albornoz. E com o encerramento das atividades muitas dívidas com fornecedores, salários atrasados etc. ficaram pendentes de resolução. Todavia, os funcionários em negociação com a empresa, optaram pela organização de uma Cooperativa de Trabalho. Foi a partir dela que patrão e funcionários da empresa chegaram a um acordo, assinando um contrato de comodato para uso das instalações e abertura do negócio.

Foi por meio de acordo que, em 14 de outubro de 1996, os trabalhadores, agora organizados na COOFITEC, iniciaram os trabalhos novamente (SILVA, 2001). Atualmente, a COOFITEC é gerenciada por 49 cooperados, 10 mulheres e 39 homens. A média de idade dos cooperados esta entre 30 e 59 anos, sendo muitos destes antigos funcionários do lanifício e, boa parte dos cooperados, já é aposentada. Tem 2 (dois) funcionários contratados, sendo um advogado e uma química. Muitos dos sócios hoje são ex-funcionários ou parentes dos ex-funcionários do Lanifício Thomaz Albornoz (DA COSTA, 2016).

Quanto à produção de lã da cooperativa, apenas uma pequena parte é beneficiada no município, sendo o restante encaminhado para beneficiamento em outras localidades (DA COSTA, 2016). Segundo informações da COOFITEC, a cooperativa presta serviços de

lavagem e beneficiamento da lã para a COOTEGAL de Caxias do Sul; A Alasca e a Oldi Rufi de Pelotas; a Renner, de Porto Alegre e o Sr. João Rubens, de Mato Grosso do Sul. Ainda ressaltou que as empresas compram a lã na região e trazem para o beneficiamento. O beneficiamento médio de lã por mês gira em torno de 30 a 45 toneladas, sendo que apenas 2% a 3% da produção são destinadas para os artesãos da região (ALBUQUERQUE, 2016).

Outro desafio que a COOFITEC enfrenta é quanto ao futuro da sede da cooperativa, visto sua fábrica estar situada em um prédio alugado e no começo deste ano de 2017, o mesmo ter sido vendido. O prédio onde esta localizada a cooperativa, deve ser desocupada nos próximos 17 meses; fato este que tem gerado uma enorme instabilidade quanto ao futuro desses EES.

Salienta-se que o município de Santana do Livramento destaca-se no estado do Rio Grande do Sul como o maior produtor de lã. Tão grande a importância que das 3.740.753 cabeças de ovinos, destas 389.752 cabeças estão no município de Santana do Livramento (IBGE, 2015). Todo esse volume demonstra a importância da lã para o município e, com certeza, se a ela fosse agregado valor, realizando seu beneficiamento no local e confeccionando produtos, poderia, desta forma, elevar a arrecadação de impostos, gerar postos de trabalho e renda.

Inicialmente, o artesanato em lã no município de Santana do Livramento, era produzido para atender as necessidades do indivíduo e de sua família, através de peças térmicas, pois segundo Viana (2008), a lã fornecia proteção, visto que servia para abrigar-se nas intempéries; evoluindo-se para a comercialização isolada ou em pequenos grupos. Em abril de 2013, a Secretaria de Economia Solidária e Apoio à Micro e Pequena Empresa (SESAMPE) inaugurou a 1ª Casa de Economia Solidária do Estado (Ecosol), com o objetivo de realizar a comercialização de produtos, entre os quais se inclui as peças artesanais.

Portanto, com a inauguração da Casa Ecosol no município, os EES passaram a confeccionar seus produtos, em especial alguns destes confeccionam peças artesanais em lã, e juntos em regime de solidariedade e o comercializam no local, sendo estes: Associação Cost'uart, Empreendimento Vera Lúcia, Associação Mulher que Faz, Associação Teares do Sul.

Dentre os EES, do município de Santana do Livramento destaca-se na confecção de artesanato em lã a Associação Teares do Sul, estruturada com base no projeto tecendo sonhos e construindo a realidade, composta por 10 (dez) indivíduos. A associação confecciona peças artesanais e as comercializam, em grande parte, na Casa de Economia Solidária (LUZ *et al.*, 2016).

Destaca-se que a associação buscando o desenvolvimento econômico local, adquire os demais acessórios necessários para a confecção das peças no próprio município e, apenas quando não o encontram no mercado, buscam-no em outras regiões (LUZ *et al.*, 2016). As atividades realizadas pelo EES vão além do beneficiamento da lã: realiza a fiação, o tingimento, a tecelagem e por fim a venda dos produtos confeccionados. Podem-se citar como principais peças artesanais confeccionadas pela associação: o pala e o xergão, sendo que estas são tradicionais da cultura gaúcha, tapetes, cobertores, coletes, mantas, ruana, entre outros, são à base de sustentação econômica do empreendimento.

Segundo Lima (2015, p. 15), “o produto artesanal é um objeto singular dotado de valor mercantil e simbólico, que tem um importante papel na promoção da inclusão social por meio da geração de renda e também o resgate de valores culturais e regionais”. E os produtos são comercializados na Casa de Ecosol, em feiras locais e regionais e diretamente para os consumidores.

Outro EES do município de Santana do Livramento é o Grupo de Mulheres Vera Lúcia, localizado no assentamento de reforma agrária Liberdade para o Futuro, que iniciaram suas atividades 2005 em regime de solidariedade, devido às necessidades de adaptação e

enfrentamento ao clima frio visto serem oriundos de outras localidades, bem como, auxiliarem na renda familiar (LUZ *et al.*, 2016).

O grupo é resultado do envolvimento de quinze mulheres, que devido a questões de dupla jornada de trabalho, dividindo-se entre os afazeres domésticos, algumas se afastaram, e atualmente o grupo é composto por três artesãs sendo estas: Ana Picollo, assentada do assentamento Cerro dos Munhóz – Liberdade para o Futuro. Agricultora e produtora de leite participa das feiras na cidade toda semana, e trabalha com a tecelagem; Olivia Chimello Cupsinski, agricultora, participa das feiras, e trabalha com a tecelagem; e Lurdes Almeida, trabalha com leite e com a tecelagem. Portanto a fonte principal de renda das mulheres é o meio rural, sendo tecelagem uma fonte adicional¹.

Os produtos dos EES são comercializados na Casa de Ecosol, ou diretamente ao consumidor, sendo que o mesmo possui local para a produção, máquinas e utensílios, e não precisam pagar aluguel. Para o trabalho artesanal, utilizam como principal matéria-prima a lã, sendo que o produto ganha peso regional, fortalecendo a tradição no momento da comercialização².

Nota-se que os artesãos não se envolvem somente com a produção, estes participam de toda a cadeia desde o processo que envolve a criatividade no momento do projeto, realizando a confecção, a comercialização e ainda o marketing para atrair compradores (LIMA, 2015).

A matéria-prima predominante na confecção do artesanato dos EES é a lã. Por ser abundante no município é adquirida pelos artesãos por intermédio da Cooperativa de Fiação do município e nas Barracas de comercialização de lã. A cooperativa fornece lã para os artesãos locais, visto que a cooperativa facilita a venda, pois comercializa em pequenas quantidades, o que não acontece por parte dos demais lanifícios. E em média lava de 3 a 4 mil quilos de lã para os artesãos. O processo de comercialização da cooperativa com os artesãos se dá por um processo de troca, a cooperativa lava toda lã do artesão, e lhe devolve 50%, e paga a diferença de R\$ 4,70 quando se trata da lã preta (ALBUQUERQUE, 2016).

É importante salientar que trata-se de uma fronteira turística visualiza-se a importância do artesanato em lã para o desenvolvimento do município de Santana do Livramento, pois ao deslocar-se para uma localidade o turista manifesta o anseio de levar consigo um *souvenir*, ou seja, uma representação do local visitado. Além disso, projetos turísticos, frequentemente são relacionados ao artesanato, pois os artefatos atraem os turistas (HORODYSKI; RUSCHMANN, 2007).

A lã como matéria-prima possibilita a confecção de peças artesanais, que atendem ao consumidor local para uso na lida do campo, bem como, pode ser utilizada para confecção de *souvenir*, visando os turistas, servindo para a reprodução e repercussão, mesma que de forma indireta, da cultura local, principalmente no que se refere às tradições do homem de vida campesina (ARRUDA *et al.*, 2013).

Contudo, é necessário entender que o artesanato trata-se de fenômeno heterogêneo, além de complexo e diversificado, pois perpassa pelas dimensões socioculturais e econômicas da sociedade, sendo também uma maneira de expressão cultural (LIMA, 2015). Devido o artesanato ser um fenômeno que compreende diferentes dimensões este se apresenta como um potencial para o desenvolvimento.

Dentre as utilidades para a lã, destaca-se no município de Santana do Livramento o trabalho dos artesãos locais que transformam a fibra em diversos produtos. E a união de alguns artesãos resultou em EES que em sua maioria comercializam os produtos na Casa Ecosol, em feiras e, por vezes, diretamente aos clientes.

¹ Relatório do Projeto de Incubação de Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) em Santana do Livramento/RS, chamada MCTI-SECIS/MTE-SENAES/CNPq Nº 21/2015 disponibilizado por BUNDE, A., outubro de 2016.

² Idem.

Mauro (2002) ressalta que através de formas de produção locais que reúnem os capitais ganhos, resultara em uma movimentação dos recursos financeiros, que permanecerão, e possibilitarão a sua reaplicação no próprio município. Assim, neste cenário de crise, e pensando-se em prol de uma perspectiva de desenvolvimento sócio-econômico-cultural sustentável para o município de Santana do Livramento, visto o município produzir uma grande quantidade de lã, possuir uma cooperativa para o beneficiamento da mesma e já existir uma ECOSOL, onde se tem EES que trabalham com a fibra, vê-se a atividade artesanal em lã como um potencial para a geração de trabalho e renda.

Um dos exemplos da potencialidade do artesanato em lã foram destaque em reportagem do programa *Campo e Lavoura*, realizada no dia 14 de julho de 2013, que destacou a importância da lã de ovelha como matéria-prima para confecções de peças de vestuário em Santana do Livramento. Esta reportagem demonstrou que a tradição típica da fronteira é mantida pela habilidade dos artesãos, pois a fibra trata-se da principal matéria-prima para a confecção de peças que vão desde o vestuário até itens de montaria nos cavalos, tais como pelegos, xergões, cobertores, ponchos, mantas. Um trabalho artesanal que garante renda e trabalho para muitos indivíduos e contribui para o desenvolvimento da ovinocultura, setor este de grande importância para o município.

Destacou-se na reportagem que o município de Santana do Livramento possui o maior rebanho de ovinos do Estado do Rio Grande do Sul. E, em entrevista com o produtor rural Ronaldo, o mesmo relatou sua criação de 180 cabeças de ovinos, das Raças Ideal e Merino Australiano, por se tratar de uma lã mais valorizada visto ter características mais fina.

Na reportagem foi entrevistada uma artesã (Ângela), que relatou o porquê de sua decisão em investir no artesanato em lã. Produzindo em sua casa, trabalha com mais seis indivíduos, que juntos confeccionavam cerca de 30 (trinta) tipos de peças, sendo estas todas confeccionadas com lã de ovelha local. Os preços dos produtos variavam, sendo que: os ponchos custavam entre R\$ 130,00 a R\$ 150,00; os cobertores de R\$ 100,00 a R\$ 140,00; as mantas R\$ 50,00 em média; e os xergões R\$ 25,00. A artesã Ângela por fim observou que os xergões, peça tradicional da nossa cultura, são os mais procurados, tendo uma boa clientela nas correrias e agropecuárias locais, chegando a vender 50 (cinquenta) peças por semana (CAMPO E LAVOURA, 2013).

Com o intuito de fomentar o artesanato em lã no município de Santana do Livramento, algumas atividades vêm sendo desenvolvidas, como Feiras e Mostras. No mês de julho de 2014, a parceria entre a Emater/RS-Ascar e as Secretarias de Cultura e de Turismo de Santana do Livramento, promoveram no município a Mostra Temática "Os caminhos da lã e da pele ovina no artesanato gaúcho" (EMATER, 2014).

O evento ocorreu na Estação Cultura de Santana do Livramento, objetivando a valorização e o incentivo à tradição da lã ovina, que é um dos principais produtos da região. E o gerente regional da Emater/RS-Ascar, Luis Fernando Fabrício, relatou que a produção da lã no Bioma Pampa, tem grande importância porque "preserva o meio ambiente e tem tanta potencialidade para gerar renda" (EMATER, 2014).

Destaca-se ainda que, de acordo com artesã Maria Leci Vieira Vaqueiro, da localidade rural Ibicuí da Armada, que expôs seu trabalho, visualizou a Mostra como uma oportunidade para divulgar seu artesanato, afirmando que "O artesanato com lã e pele ovina dá trabalho de fazer, é uma transformação da lã". A artesã contou que as peças mais vendidas eram os xergões e os cobertores. Finalizando a artesã, Claudiana Xavier, afirmou que esses eventos "valorizam o trabalho e levantam a autoestima" (EMATER, 2014).

Enfatiza-se também como atividade que potencializa o artesanato em lã, as Feiras de artesanato realizadas pela Casa da Ecosol, como as que frequentemente ocorrem perto de datas festivas, no centro do município de Santana do Livramento, no Largo Hugulino

Andradas, e que proporcionam maior visibilidade para os produtos dos artesãos, atraindo turistas, e fomentando a cultura. E conforme o Ministério do Turismo (2016) a venda do artesanato para os turistas movimenta a economia do município, gerando renda, e emprego, não somente para a família do artesão, mas também para a sua comunidade.

Em pesquisa realizada por Esteves e Santos (2014) na Casa de Economia Solidária de Santana do Livramento, constatou-se que os artesãos após iniciarem suas atividades no local, obtiveram um aumento em sua renda, sendo que a mesma complementa seus ganhos e melhora as suas vidas e a de seus familiares. Ainda, pode-se ressaltar que essa renda extra estimula o consumo, movimentando o mercado e favorecendo a economia local. Contudo, o estudo também constatou a falta de valorização dos produtos que eram comercializados na Casa de Ecosol, verificando-se a necessidade de um local mais adequado para a comercialização, bem como, que favorecesse a exposição dos produtos.

De acordo com Moura (2011, p.35), “o artesanato tradicional é baseado na produção familiar ou de grupos favorecendo a continuação de técnicas e processos originais advindos de uma cultura e tradição locais”. Em contrapartida à massificação e padronização dos produtos globalizados, os consumidores tem ido à busca de produtos diferenciados e originais, contribuindo para o resgate cultural e fortalecendo a identidade da região. Portanto, as peças artesanais evidenciam a identidade cultural local (SANTOS, *et al.*, 2010). Assim, afirma-se que o artesanato em lã de Santana de Livramento, evidencia a identidade cultural da região.

Diante disso, o apoio a iniciativas de que promovam a cultura local por meio da organização de empreendimentos econômicos solidários é importante, em especial se for criado espaços vinculando as mulheres que atuam e possam vir a atuar com artesanato em lã. O incentivo à formação de associações, o apoio à diversificação produtiva, às atividades não agrícolas e a maior oferta de linhas de crédito específicas a esse público podem ser boas alternativas para o desenvolvimento sócio-econômico-cultural-ambiental sustentável do município de Santana de Livramento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa pesquisa foi considerando que as políticas públicas de incentivo a Economia Solidária visavam responder a seguinte problemática: De que forma o artesanato em lã, organizado solidariamente, poderá contribuir para um desenvolvimento sócio-econômico-cultural sustentável do município de Santana do Livramento?

Ao analisar a cadeia produtiva da lã no município, constatou-se a grande produtividade e comercialização de lã por parte dos produtores rurais e das barracas que fazem a intermediação. Destaca-se, ainda, a existência da cooperativa COOFITEC que realiza o beneficiamento do produto. Contudo, a cadeia produtiva apresenta fragilidades no beneficiamento e aproveitamento da lã no município, sendo que a fibra quase em sua totalidade é destinada a exportação de forma *in natura*.

Verifica-se foi possível constatar que o município de Santana do Livramento, possui uma Casa de Economia Solidária, com diversos EES que confeccionam artesanato em lã. No entanto, chegou-se à conclusão que o município de Santana do Livramento não possui políticas públicas locais de incentivo a Economia Solidária e ao artesanato em lã, mesmo sendo o maior produtor de lã do Brasil. O que falta para estimular esta atividade são políticas públicas de incentivo a Economia Solidária e ao artesanato em lã. Com políticas públicas voltadas para a atividade, seria possível desenvolver os EES já existentes na Casa da Ecosol, bem como, incentivar o surgimento de novos.

Com políticas públicas voltadas para esse fim, seria possível contribuir diretamente no combate ao desemprego, por meio da geração de trabalho e renda, minimizando alguns dos

problemas identificados em nossa pesquisa, tais como, capacitação de trabalhadores para trabalhar na cadeia da lã (esquila e abate); capacitação voltada para o artesanato em lã; incentivo aos EES existentes; criação de novos EESs, entre outros.

Portanto, o artesanato em lã organizado solidariamente poderá, sim, contribuir para o desenvolvimento sócio-econômico-cultural sustentável, visto que por meio dele pode-se fortalecer a cadeia produtiva da lã e, ao mesmo tempo gerar trabalho e renda. Os produtos artesanais, como é o caso do artesanato em lã, podem contribuir no incentivo ao turismo, fomentar e fortalecer a cultura local. Além disso, a lã é uma matéria-prima que se destaca pela sua sustentabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, C. T. **ECONOMIA SOLIDÁRIA: A importância do artesanato em lã para o desenvolvimento sócio-econômico-cultural sustentável de Santana do Livramento/RS.** 78 f. Trabalho de conclusão de curso (Ciências Econômicas) – Unipampa – 2016.

ARRUDA, D. de O. *et al.* Artesanato em Lã de Ovinos, Turismo e Desenvolvimento Local. **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 11, n.º4, p. 661-670, 2013.

BECKER, R. B. **Estudo sobre a presença das mulheres no artesanato: construindo caminhos entre educação e artesãs.** In: IX ANPED SUL Seminário de Pesquisa em educação da Região Sul – 29 de julho à 1º de agosto 2012.

BERNHARD, E. A. **Produção Sustentável e Alternativa para o Mercado de Lã.** In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE ESPECIALISTAS EN PEQUEÑOS RUMIANTES Y COMÉLIDOS SUDAMERICANOS. **Anais...** p. 8 -16, 2013.

BRASIL. Decreto nº 1.508, de 31 de maio de 1995.

_____. Lei Complementar nº45, de 10 de outubro de 2006.

_____. Portaria nº 29, de 05 de outubro de 2010.

_____. Lei nº 13.180, de 22 de outubro de 2015.

CALVETE, R., VILLWOCK, L. M. **perfil da ovinocultura de lã e carne do Rio Grande do Sul e seus desafios para o futuro.** In: XLV Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. **Anais...** Londrina/PR, 22 a 25 de julho de 2007.

CAMPO E LAVOURA. **Cooperativa de fiação e tecelagem de Santana do Livramento volta a funcionar no RS.** Noticiado em: 03 de fevereiro de 2013.

CHRISTOFOLETTI, C. M. C. Município de Rio Claro (SP – Brasil). In: SILVANA, Maria Pintuadi (Org.). **Economia Solidária: Um setor em desenvolvimento.** São Paulo: Prefeitura de Rio Claro, 2002. p. 115-125.

CORAGGIO, J. L. A proposta de Economia Solidária ante a economia neoliberal. In: SILVANA, Maria Pintuadi (Org.). **Economia Solidária: Um setor em desenvolvimento.** São Paulo: Prefeitura de Rio Claro, 2002. p. 15-26.

CUNHA, G. C. Dimensões da luta política nas práticas de Economia Solidária. In: DE SOUZA, A. R.; CUNHA, G. C.; DAKUZAKU, R. Y. (Orgs.). **Uma outra economia é possível: Paul Singer e a Economia Solidária.** São Paulo: Contexto, 2003. p. 45-72.

DA COSTA, F. O. **Uma proposta de cadastro para controle dos sócios de uma cooperativa no município de Santana do Livramento.** Relatório de Estágio, Unipampa, Santana do Livramento, 2016.

DIAS, É. A.; ANICET, A.; STEFFEN, C. **A lã como matéria-prima: Seus processos de simbolização e comunicação através da ótica pierciana.** In: XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação SEPesq – 19 a 23 de outubro de 2015. **Anais...** Centro Universitário Ritter dos Reis.

EMATER/RS. Valorização do artesanato regional é destaque de Mostra Temática em Santana do Livramento. Ano 2014.

ESTEVES, V. V. S.; SANTOS, G. D. V. M. **Políticas Públicas: Contextualizando a Casa de Economia Solidária De Santana do Livramento.** 24 f. Artigo (Graduação Gestão Pública) – Universidade Federal do Pampa, 2014.

FUNDAÇÃO GAÚCHA DO TRABALHO R AÇÃO SOCIAL – FGTAS. **Programa Gaúcho de artesanato.** Porto Alegre. Ano 2017.

GUIMARÃES, Alexandre Queiroz. **Iniciativas para a promoção de emprego e renda: políticas públicas, Economia Solidária e desenvolvimento local.** Ensaio FEE, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p 313-338, nov. 2011.

HORODYSKI, G. S; RUSCHMAN, D. V. de M. **O artesanato dos campos gerais do Paraná.** Revista Eletrônica do Turismo Cultural, nº 01, abr. 2007.

IBGE. **Santana do Livramento Rio Grande do Sul – Síntese das informações.** Ano 2016.

_____. **Tabela 95 – Ovinos Tosquiados.** Ano 2015.

KAPRON, S. **Economia popular solidária: política pública para o desenvolvimento.** In: SILVANA, Maria Pintuadi (Org.). **Economia Solidária: Um setor em desenvolvimento.** São Paulo: Prefeitura de Rio Claro, 2002. p. 47-57.

LAVILLE, Jean-Louis; FRANÇA, G. C. de. **Economia Solidária: uma abordagem internacional.** Porto Alegre: UFRGS, 2004.

LIMA, F. L. **Design e Artesanato: relações de poder.** In: 5º Simpósio de Design Sustentável –11 a 13 de novembro de 2015. **Anais...** Rio de Janeiro.

LUZ, M. da. *et al.* **O Movimento de Economia Solidária em Santana do Livramento/RS/Brasil: Histórico e organização.** In: XVIII Fórum de estudos: Leitura de Paulo Freire. **Anais...** 20 a 21 de maio de 2016, Jaguarão/RS.

MARQUETTO, R. M. F. **A dinâmica entre a tradição e a modernidade no contexto de Santana do Livramento–RS–BR e suas inflexões sobre a sociedade e o desenvolvimento local e regional.** 276 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – UNISC, Santa Cruz, 2012.

MAURO, C. A. de. **Economia solidária: rumo a outra globalização.** In: SILVANA, Maria Pintuadi (Org.). **Economia Solidária: Um setor em desenvolvimento.** São Paulo: Prefeitura de Rio Claro, 2002. p. 27-32.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS. Secretaria de Comércio Exterior. **Balança Comercial brasileira: municípios.** Ano 2016

MINISTÉRIO DO TRABALHO E DO EMPREGO. **Perfil do Município.** Ano 2017.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **A Importância do Artesanato para o Turismo.** Ano 2016.

MOURA, A. N. D. **A influência da cultura, da arte e do artesanato brasileiros no design contemporâneo : um estudo da obra dos Irmãos Campana.** 116 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

NOCCHI, E. D. **Os efeitos da crise da lã no mercado internacional e os impactos socioeconômicos no município de Santana do Livramento RS Brasil.** 71 f. Dissertação (Mestrado em Integração e Cooperação Internacional). - CERIR, Universidad Nacional de Rosário Argentina, 2001.

PINTAUDI, S. M. **Economia Solidária: um setor em desenvolvimento**. São Paulo: Prefeitura de Rio Claro, 2002. PINTO, J. R. L. **Economia Solidária: um elogio à associação em tempos de crise**. 213 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – IUPERJ, Rio de Janeiro, 2004.

PRAXEDES, S. F. **Políticas públicas de Economia Solidária: Novas práticas, novas metodologias**. Mercado de Trabalho. Ipea: 2009.

RELATÓRIO. **Projeto de Incubação de Empreendimentos Econômicos Solidários (EES)**. Santana do Livramento/RS, chamada MCTI-SECIS/MTE-SENAES/CNPq Nº 21/2015.

REVISTA ILUSTRADA. **Santana do Livramento, Uma história de 150 anos**. Ano 1973, s/p.

SANTOS, R. L. **Desenvolvimento local sustentável caracterização do APL de artesanato de linha do município de Tobias Barreto – SE**. 135 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão. 2007.

SANTOS, T. de S. *et al.* **O artesanato como elemento impulsionador no Desenvolvimento Local**. In: VII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia – 19 a 21 de outubro de 2010. Resende/RJ.

SCHIOCHET, V. Da democracia à autogestão: Economia Solidária no Brasil. In: BENINI, Édi; et. al. (Orgs). **Gestão Pública e Sociedade: fundamentos e políticas públicas de Economia Solidária**. V. 2. São Paulo: Outras Expressões, 2012. p. 17-44.

SILVA, L. M. **A coexistência entre os princípios cooperativos e a gestão empresarial numa cooperativa de trabalho: estudo de caso da COOFITEC**. 134 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – UFRGS, Porto Alegre, 2001.

SINGER, P. **Uma utopia militante - repensando o socialismo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

_____. **Introdução à Economia Solidária**. 1.ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

_____. **Políticas Públicas da Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego**. Mercado de Trabalho. Ipea: 2009.

_____. **Dez anos de Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES)**. Mercado de Trabalho. Ipea: 2014.

STAVIE, P. M. **POLÍTICAS PÚBLICAS E ECONOMIA SOLIDÁRIA: considerações e divergências sobre a criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária**. Revista Políticas Públicas, v. 13, nº. 1. p. 81-88, jan./jun. 2009.

VIANA, J. G. A. **Panorama Geral da Ovinocultura no Mundo e no Brasil**. Revista Ovinos. v. 4, n.12, Porto Alegre, 2008.

APÊNDICE

Roteiro de entrevista com os responsáveis pelas Barracas de Comercialização de lã no município de Santana do Livramento.

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Economia Solidária: Uma perspectiva de desenvolvimento através do artesanato em lã para município de Santana do Livramento (RS). Acadêmica: Christianne Teixeira Albuquerque Orientador: Altacir Bunde. Este instrumento de coleta contribuirá para o alcance do objetivo de pesquisa, cujo objetivo geral: Apresentar a importância do artesanato em lã que, organizado solidariamente, poderá contribuir para um desenvolvimento sócio-econômico-cultural sustentável do município de Santana do Livramento (RS): Respondendo as perguntas a seguir, você estará contribuindo com a pesquisa, bem como, ajudando a acadêmica na obtenção do título de Especialista em Gestão Pública.

- 1) Qual o seu nome e que cargo que ocupa na Barraca?
- 2) Um breve histórico do surgimento da Barraca.
- 3) Atualmente, quantos são os colaboradores da barraca (funcionários)?
- 4) Qual a origem da lã comprada? Quais são os fornecedores da lã?
- 5) Como é realizada a compra da lã? Os fornecedores trazem na Barraca ou vocês buscam?
- 6) Se for possível informar, qual o valor de compra e o de venda da lã?
- 7) Qual a quantidade de lã comercializada? Anualmente? Mensalmente?
- 8) Quais os principais compradores? (empresas)
- 9) Quais os principais destinos da lã? (cidades, países)
- 10) Considerando que somo uma fronteira, vocês possuem alguma parceria com o Uruguai? Caso sim, eles financiam a compra ou adiantam algum recurso?
- 11) Vocês vendem lã para os artesãos locais?
- 12) Quais as principais dificuldades encontradas na comercialização da lã?